

---

## A REPRESENTAÇÃO MIMÉTICA E A LITERATURA DE TESTEMUNHO EM PRIMO LEVI

Valdirene Edna Ferreira Conrado<sup>1</sup>

Volker Karl Lothar Jaeckel<sup>2</sup>

**Resumo:** A considerar que a literatura é também uma riquíssima fonte de conhecimento para o leitor, levando-o a fazer parte de um universo em que aspectos históricos e literários podem ser revisitados, o presente texto objetiva fazer uma breve análise acerca da literatura de testemunho por meio de alguns relatos testemunhais do escritor Primo Levi, já que ele foi um sobrevivente dos campos de extermínio, em Auschwitz, na Polônia, em consonância com a representação do discurso testemunhal por meio da *mimesis*, pois pode-se considerar o testemunho como uma importante ferramenta de verificação de algum fato histórico, e a representação mimética é um dos recursos de que se pode lançar mão para evidenciar os relatos de Levi como um sobrevivente da *Shoah*.

**Palavras-chave:** Testemunho; Primo Levi; *mimesis*; representação; Shoah.

**Abstract:** Considering that literature is also a very rich source of knowledge for the reader, leading him to be part of a universe in which historical and literary aspects can be revisited, the present text aims at conducting a brief analysis of testimonial literature through some testimonial accounts written by Primo Levi, as he was an extermination camp's survivor in Auschwitz, Poland, in agreement with the testimonial speech's representation by *mimesis*, since testimony can be considered as an important historical fact's verifying tool, and mimetic representation is one of the resources that can be used to highlight Levi's accounts as a *Shoah* survivor.

**Keywords:** Testimony; Primo Levi; *mimesis*; representation; *Shoah*.

---

1 Mestranda em “Literaturas Modernas e Contemporâneas”, na linha de pesquisa “Literatura, História e Memória Cultural”, na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: valpotato@hotmail.com

2 Professor da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG. E-mail: volker-jae@yahoo.de

## 1- INTRODUÇÃO

Para construir o texto e assim produzir suas ideias, o autor parte de suas imagens, contextos, interesses, vontades, dentre outros aspectos. Logo, é extremamente possível tematizar aspectos da realidade no texto literário. Com o escritor Primo Levi, isso não foi diferente, visto que, na atualidade, Levi é um dos mais expressivos escritores da literatura do século XX no âmbito da literatura de testemunho por ter retratado em seus escritos a ida para os campos de extermínio (ainda na Itália, Levi é levado para um campo, para depois ser deportado para a Polônia); o período em que foi prisioneiro; a libertação do campo pelas tropas soviéticas, bem como sua volta para casa. O autor em questão possui, segundo a crítica literária, narrativas muito relevantes sobre o período em que foi prisioneiro concentracionário. No caso de Levi, trata-se de um sobrevivente que se tornou um dos primeiros a relatar com tanta veracidade o período que passou no campo de extermínio de Auschwitz (Polônia).

Primo Levi nasceu em Turim (Itália), em 31 de julho de 1919, morreu em 11 de abril de 1987, formou-se em química em 1941, pela Universidade de Turim, antes que o acesso às universidades fosse proibido aos judeus naquela época. Em 1944, foi mandado para Auschwitz, de onde saiu em janeiro de 1945, porém regressando à Itália somente nove meses depois de sua libertação, já que, devido a limitações físicas, ficou ainda algum tempo em um ex-campo de concentração soviético para se recuperar. Levi retoma seu trabalho de químico e, um pouco mais tarde, tornou-se escritor de memórias, contos, poemas e novelas, mas sua repercussão no mundo das letras se deu devido aos seus escritos sobre o tempo em que esteve no campo. Dentre suas obras, destacam-se as que pertencem à literatura de testemunho, a saber: *É isto um homem?*; *A trégua*; *Os afogados e os sobreviventes*; *Momentos de Reparação* (trata dos homens que Primo Levi observou durante a prisão no campo de concentração) e *Assim foi Auschwitz* (obra que escreveu com Leonardo de Benedetti, este também sobrevivente de Auschwitz).

A princípio, a história se fundamenta em testemunhos para reconstituir fatos do passado, enquanto a literatura se volta para a subjetividade do indivíduo inserido no meio dos fatos, e quando se trata de ler a narrativa de quem testemunhou e fez parte do processo como “espécime” (termo utilizado por Levi quanto ao que os judeus concentracionários eram considerados pelos SS<sup>3</sup>), o olhar do leitor para o texto adquire grande interesse. É preciso ressaltar que o texto narrativo se vale de contextos históricos em que a personagem está inserida para se construir e desenvolver a própria narrativa em si, a significar, assim, que o texto literário serve como objeto para integrar um estudo acerca de determinada época.

Porém, ao se considerar o testemunho como uma importante ferramenta de verificação de algum fato histórico, não se deve deixar de lado a “subjetividade”, pois ela é um elemento inerente ao texto literário, e questionamentos podem ser suscitados a respeito da veracidade dos relatos apresentados no texto. Além disso, é necessário que se faça a seguinte interrogativa ao se pensar sobre a questão da literatura de testemunho e o caráter factual que os relatos autobiográficos apresentam: é possível desvincular totalmente a subjetivida-

---

3 Entende-se por SS a mais emblemática força militar que tinha o papel de, entre outras atividades, como proteger os dirigentes do Partido Nazista, formar um batalhão de extermínio.

de na produção de um texto, mesmo que este seja um relato historiográfico? Será a *mimesis* um elemento inerente à produção desse tipo de texto? Cabe aqui a observação de Evanir Pavloski:

A possibilidade de estabelecer limites rígidos entre a história e a ficção ou de privilegiar uma das duas formas de interpretação da realidade são tão antigas quanto presentes. Desde a teoria aristotélica, aspectos inerentes ao texto histórico e ao texto ficcional, como a linguagem e o ponto de vista autoral, têm servido como base para teorizações que visam ora delimitar objetivamente os campos de estudos de cada área, ora conceituá-las como complementares no processo de registro e desvendamento do passado. (PAVLOSKI, 2007, p. 24)

Em se tratando da narrativa memorialística, testemunhal e autobiográfica de Levi, os questionamentos podem ser: até que ponto os fatos narrados são verídicos?; até que ponto sua memória não ficou comprometida diante de tudo o que passou como prisioneiro concentracionário?; onde começa a veracidade?; onde começa a ficção?, e vice-versa. Para tanto, a representação mimética, como é o caso das narrativas de Primo Levi, é um dos recursos de que se pode lançar mão para evidenciar os relatos de Levi como um sobrevivente da *Shoah*<sup>4</sup>.

[...] existem tantos casos de escrituras linguisticamente elaboradas e reflexivas quanto aos limites da representação já no imediato momento pós-catástrofe, como também constata-se que muitos anos, ou décadas após o fato, sobreviventes ainda mantêm sua necessidade de testemunho “objetivo”, como uma espécie de relato direto dos fatos. Também devemos notar que o trabalho escritural ou literário é parte de qualquer escrita, esteja o escritor consciente ou não deste fato. (SELIGMANN-SILVA, 2007, v.1, n.1)

## 2- LEVI E A LITERATURA DE TESTEMUNHO

A literatura de testemunho ganhou espaço nos estudos literários a partir dos relatos de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, visto que, após a guerra, surgiram aqueles que viram no relato autobiográfico uma maneira de externar o sofrimento ao qual foram submetidos; já outros procuraram, por meio da literatura, denunciar e expor o horror ocorrido durante esse evento; e há aqueles que decidiram usar seus relatos com a finalidade de jamais deixar cair no esquecimento a maior barbárie do século XX, logo “[n] não é por acaso que, desse *status quo*, tenha se originado um subgênero narrativo, fruto da necessidade de se relatar sobre as violências atravessadas por aquele que narra: o testemunho” (CORNELSEN,

4 O termo *Shoah* é utilizado para se referir ao período em que se imperou os campos de concentração nazistas. Para o mesmo período, é também empregado em diversos textos o termo *Holocausto*. Este carrega em si uma conotação religiosa, “etimologicamente remeteria a um significado profético de morte em massa mediante um sacrifício sagrado” (OLIVEIRA, 2013, p. 43). Para esta proposta de pesquisa, optar-se-á pelo termo *Shoah* por ele ser mais neutro quanto ao seu significado, porquanto *Shoah*, em hebraico, refere-se à catástrofe.

2011, p. 10). E para Wilberth Salgueiro (2015) existem alguns traços do testemunho, são eles: o registro em primeira pessoa; a sinceridade do relato; o desejo de vingança; a vontade de resistência; o abalo da hegemonia do valor estético sobre o valor ético; a apresentação de um evento coletivo; a presença do trauma; o rancor e o ressentimento; o vínculo estreito com a história; o sentimento de vergonha pelas humilhações e pela animalização sofridas; o sentimento de culpa por ter sobrevivido; a impossibilidade radical de re-apresentação do vivido/sofrido.

Arthur Nestrovski, em obra composta com Seligmann-Silva, *Catástrofe e Representação*, afirma que o testemunho consiste na ação de “representar o irrepresentável; resgatar, sem trair um evento latente na memória; redescobrir alguma força viva na língua, que nos torne capazes de testemunhar o que foi visto” (NESTROVSKI, 2000, p.186). De acordo com Elcio Cornelsen, a teoria do testemunho, nos âmbitos anglo-saxão e germânico, orienta-se com base em quatro conceitos: “memória (individual), catástrofe, trauma e testemunho” (CORNELSEN, 2011, p. 13), sendo que trauma e catástrofe estão intrinsecamente ligados. E para Seligmann-Silva,

[o] testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o ‘real’) com o verbal. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46-47)

Quando se fala em testemunho, claro que não se pode deixar de discutir sobre o papel da testemunha, porque há aquele que presencia de maneira a viver o evento relatado, há aquele que apenas viu o evento e há, ainda, aquele que é a testemunha que ouve o relato narrado por quem o vivenciou. Sobre isso, Jeanne Marie Gagnebin salienta que

testemunha não é somente aquele que viu com seus próprios olhos, o *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha é aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente. (GAGNEBIN, 2006, p. 57)

A testemunha é de extrema importância para revelar eventos e catástrofes, como, por exemplo, a experiência nos campos, porque é por meio dela que se reafirma o fato ocorrido, seu discurso servirá sempre como referência para que aqueles que não vivenciaram, ou nem mesmo nunca ouviram falar na existência do evento possam tomar conhecimento. Assim, é importante pensar no testemunho, e de como se é afetado por ele. Nessa linha de pensamento, David Bidussa afirma que

[o] testemunho não é somente a mera repetição de eventos do passado ainda presentes na memória; tampouco uma simples apresentação daquilo que se viveu, se sabe e se pensa; é, além disso, um contínuo corpo a corpo entre aquilo que se sente e o que se supõe estarem os interlocutores dispostos a compreender e acolher. (BIDUSSA *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 51)

Salgueiro atesta que “[o] testemunho, por excelência, é feito/dado/produzido/elaborado pelo sobrevivente. Há, igualmente, os testemunhos de terceiros e de solidários” (SALGUEIRO, 2015, p. 124). No dicionário de Antônio Houaiss o termo “testemunha” é definido como “quem testemunha um fato” e “testemunho” como “ação de testemunhar, declaração da testemunha” (HOUAISS, 2009, p. 725). Considera-se, então, como testemunha aquela pessoa que presenciou o fato, o acontecimento, seja de forma a experienciar o evento – o supérstite, *superstes* – ou a observá-lo – o *terstis*. No caso de Primo Levi, considera-se que ele foi uma testemunha que experienciou a *Shoah*, porque foi um prisioneiro concentracionário. Giorgio Agamben toma Levi como uma testemunha perfeita e o coloca como uma testemunha *superstes*, ou seja, uma testemunha que vivenciou um evento (nesse caso a experiência do campo), não apenas como observador, mas sim como alguém que atravessou ou, antes, foi atravessado pelo evento.

Em latim, há dois termos para representar a testemunha. O primeiro, *testis*, de que deriva o nosso termo testemunha, significa etimologicamente aquele que se põe em terceiro (*\*terstis*) em um processo ou litígio entre dois contendores. O segundo, *superstes*, indica aquele que viveu algo, atravessou até o fim um evento e pode, portanto, dar testemunho disso. É evidente que Levi não é um terceiro; ele é, em todos os sentidos, um supérstite. (AGAMBEN, 2008, p. 27)

No que se refere à testemunha *testis* e *superstes*, Seligmann-Silva, em seu texto “O local do testemunho”, ressalta que “não se trata de simplesmente trocar um modelo pelo outro. Valorizar o paradigma do *superstes* não deve implicar uma negação da possibilidade do testemunho como *testis*” [...], mesmo porque para ele não deveria haver uma separação de *testis* e *superstes*: “O essencial, no entanto, é ter claro que não existe a possibilidade de se separar os dois sentidos de testemunho, assim como não se deveria separar de modo rígido historiografia da memória” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 5). Para muitos, até então, o ato de testemunhar fora visto como se o indivíduo tivesse que estar presente e de maneira visual presenciasse o evento. Entretanto, diante das observações acerca do testemunho *testis* e *superstes*, Márcio Seligmann-Silva chega à conclusão de que o testemunho é um processo “misto entre visão, oralidade narrativa e capacidade de julgar”:

[a]o invés de reduzir o testemunho ao paradigma visual, falocêntrico e violento (que tende a uma espetacularização da dor), e sem esquecer *testis* a favor apenas de *superstes*, minha proposta é entender o testemunho na sua complexidade enquanto misto entre visão, oralidade narrativa e capacidade de julgar: um elemento complementa o outro [...]. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 5).

Quando se trata de literatura de testemunho, sobretudo acerca das grandes catástrofes como foi a Shoah, é necessário considerar que o texto ficcional transforma-se em uma representação daquilo que foi rememorado. Claro que não se pode tomar a narrativa como um relato da realidade, já que se trata de texto que contém elementos ficcionalizantes em termos discursivos, mas também porque se torna quase impossível traduzir realisticamente todo o trauma vivido. Aí consiste, inclusive, o fato de alguns duvidarem dos relatos de Levi em *É isto um homem?*, *Os afogados e os sobreviventes* e *A trégua*.

Lucas Amaral de Oliveira, em seu artigo “Quem fala por meio do testemunho? Alguns apontamentos teórico-metodológicos sobre a escrita testemunhal a partir da literatura de Primo Levi”, faz os seguintes questionamentos acerca do testemunho de sobreviventes do Lager<sup>5</sup>: “Qual é o potencial do testemunho na geração de novos conhecimentos sobre uma catástrofe? A subjetividade inerente à representação do trauma diminui ou restringe o valor dos testemunhos sobre o Lager?” (OLIVEIRA, 2013, p. 44). Tal desconfiança quanto às narrativas de testemunho, sobretudo a se pensar nas narrativas de Levi, deve-se ao fato de ser inerente ao discurso narrativo testemunhal uma carga de simbologia referente àquilo que se já viveu, marcado por um caráter subjetivo que pode gerar contestações históricas, o que, para alguns, inviabiliza as narrativas de testemunho como fonte que pode servir de objeto para se ter conhecimento acerca de catástrofes como foi a Shoah. Todavia, acerca dos relatos testemunhais, Geoffrey Hartman atesta que a memória pode ser exatamente o mecanismo que possibilita a presença do real discursivo da catástrofe vivenciada, e Levi reforça essa ideia ao afirmar que “é natural e óbvio que o material mais consistente para a reconstrução da verdade sobre os campos seja constituído pelas memórias dos sobreviventes” (LEVI, 2016, p. 11).

A memória, e especialmente a memória usada na narração, não é simplesmente um nascer póstumo da experiência, uma formação secundária: ela possibilita a experiência, permite que aquilo que chamamos de o real penetre na consciência e na apresentação das palavras, para tornar-se algo mais do que só o trauma seguido por um apagamento mental higiênico e, em última instância, ilusório. (HARTMAN, 2000, p. 222-223)

A respeito do uso da linguagem para se retratar o “real”, afirma Seligmann-Silva:

Por outro lado o conceito de testemunho surge também como uma espécie de contradiscurso daquela ladainha pós-moderna do “é tudo ficção”, uma banalização tremenda da chamada virada linguística do saber. Ao se falar de testemunho, procurou-se restabelecer a complexidade do discurso sobre a escrita, pesando este termo de modo bem amplo. O testemunho e seu discurso respondem também a uma sede de real. É como se estivéssemos sendo sugados pelo ralo do relativismo pós-histórico e o testemunho se apresentou como um conceito forte que permite articular um contradiscurso, que se opõe tanto ao relativismo como ao

5 Entende-se Lager aqui como campo de concentração nazista, termo que significa, literalmente, “campo”.

positivismo. Daí a resistência a esse discurso no Brasil, cuja academia em grande parte ainda é positivista, e a chegada relativamente tardia de sua teoria. Essa teoria desenvolve um forte diálogo com a psicanálise, que tenta pensar essa zona fantasmática do real em seu entrelaçamento com o simbólico e o imaginário. Eu em particular, desde o final dos anos de 1990, prefiro falar em “teor testemunhal” da cultura. Acredito que o que aconteceu na teoria do testemunho foi uma revalorização desse nó entre o real e a linguagem. (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 11)

Muito se discute sobre o porquê de se dar tanta relevância ao testemunho dos sobreviventes dos campos. É preciso considerar que uma das formas de não permitir que catástrofes como a *Shoah* voltem a acontecer é por meio da literatura de testemunho, dos relatos autobiográficos de quem foi prisioneiro, pois, através deles, toma-se conhecimento das atrocidades cometidas nos campos e se luta diariamente para que esses eventos nunca mais se repitam.

[...] por que há de nos interessar, hoje, a lembrança do Holocausto? Exatamente para não esquecer sua existência e, assim, esforçar-se para que a hecatombe não se repita? Que implicações – éticas e estéticas – impregnam esse recordar? [...] Distantes no tempo e no espaço do horror dos campos de concentração, por que, enfim, o soturno prazer de representar em verso e em ensaio aquilo que, outrora, foi – concreta, real, sem maquiagem – a morte de milhões de pessoas? São questões que ainda ecoam fortemente, envolvendo a problematização em torno de noções feitas memória e dever, responsabilidade e alienação, dor e espetáculo, trauma e solidariedade [...]. (SALGUEIRO, 2012, p. 285)

Outro ponto a se levantar nessa discussão é o fato de que, “[n]o campo, uma das razões que podem impelir um deportado a sobreviver consiste em tonar-se uma testemunha” (AGAMBEN, 2008, p. 25). E, segundo Luciara de Assis (2010), em seu texto “Testemunho e Ficção em Primo Levi: encontros possíveis”, “o sobrevivente convive com seu trauma e procura dele escapar por meio da fala, da linguagem, que é a única forma possível para se elaborar o trauma, segundo a concepção psicanalítica” (ASSIS, 2010, p. 3). No entanto, muitas vezes, o testemunho do sobrevivente é considerado inverídico por quem o escuta, porque tão horrendas foram as atrocidades pelas quais passou o sobrevivente, que, por isso mesmo, alguns preferem se calar frente à incredulidade alheia. Há sempre aqueles que hesitam em considerar verídicas as narrativas de Levi, e de outros sobreviventes dos *Lager*, pois acreditam, sim, que de fato os campos de concentração existiram, afinal há relatos, filmes, depoimentos, fotos, entre outras fontes históricas, para comprovar, mas quando se trata de acreditar nas narrativas dos sobreviventes, muitos tendem a achá-las fantasiosas e inverídicas. Sobre isso, afirma Levi em *Os afogados e os sobreviventes*:

Todos os arquivos dos Lager foram queimados nos últimos dias de guerra, e esta foi verdadeiramente uma perda irremediável, tanto que ainda hoje se discute se as vítimas foram quatro, seis ou oito milhões: mas sempre de milhões se fala. (LEVI, 2016, p. 8)

Numa distância de anos, hoje se pode bem afirmar que a história dos Lager foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam seu fundo. Quem o fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão. (LEVI, 2016, p. 12)

Porém, Levi, após o retorno para a Itália, viu-se impelido a falar desse trauma e a representar na escrita os traumas dos outros, mesmo porque a representação do trauma, por meio do testemunho, é uma das formas de se presentificar esse trauma e de se potencializar a memória, a fazer com que a testemunha expurgue a dor causada pelo evento. Cabe pontuar, ainda, que uma das principais formas de se ter conhecimento a respeito da verdade<sup>6</sup> sobre os campos de extermínio é por meio das memórias, dos relatos dos sobreviventes. Levi, em *É isto um homem?*, relata que “A necessidade de contar aos ‘outros’, de torná-los participantes, havia assumido entre nós, sobreviventes, antes e depois da libertação, o caráter de um impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares” (LEVI, 1998, p. 8).

### 3- A REPRESENTAÇÃO MIMÉTICA NO TESTEMUNHO DE PRIMO LEVI

Uma das formas de se estudar a relação histórico-literária em uma obra é por meio da *mimesis*, visto que *mimesis* do grego μίμησις consiste na imitação, representação de tudo o que existe. Na filosofia aristotélica, tudo aquilo que se constitui como arte está fundamentado na *mimesis*, pois “Aristóteles reabilita a *mimesis*, na *Poética*, como forma humana privilegiada de aprendizado” (GAGNEBIN, 1993, p. 70). De acordo com Gagnebin (1993), nos conceitos platônicos, uma obra só pode ser considerada arte se for representação da natureza, porém, no processo de representar, deve-se ter o cuidado para não perder a essência. De modo geral, “os gregos clássicos pensam sempre a arte como uma figuração enraizada na *mimesis*, na representação, ou, melhor, na ‘apresentação’ da beleza do mundo” (GAGNEBIN, 1993, p. 68).

Muito se discute sobre a *mimesis* como imitação. De fato, alguns dicionários trazem a palavra *mimesis* como sinônimo de imitação. Entretanto, “imitação ocupa apenas um pequeno segmento do campo significacional da *mimesis*” (LIMA, 2003, p. 51), é preciso ter cuidado ao dizer que a *mimesis* é pura e simplesmente imitação, porque a imitação não passa de um ato de cópia e a arte mimética é a tentativa de traduzir e reproduzir o paradigma ideal. Por isso, para este estudo, não se toma a *mimesis* como imitação, mas, sim, como representação de um discurso literário em *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, que é, ao mesmo tempo, também um discurso histórico, visto que esse discurso relata um período que marcou o curso da história do século XX com o advento da Segunda Guerra Mundial.

<sup>6</sup> O uso do termo “verdade” aqui é usado, resguardando as devidas proporções, pois sabe-se, e já foi mencionado no texto, que por se tratar de narrativas literárias é necessário considerar a presença de elementos ficcionalizantes, além de se considerar que, conforme estudos da psicanálise, a memória, após um trauma, fica fragmentada e, por isso, são acrescentados aos relatos elementos que corroboram com a progressão dos fatos narrados.



Mimesis e representação formam um par indecomponível. A representação, de sua parte, remete para a engrenagem dos conceitos que declaram a substância do mundo, seja sob a forma das noções primárias aristotélicas, seja sob a da marcha do Espírito hegeliano. Em ambos os casos, sem se confundir com a imitação ou a transposição bruta da realidade, a mimesis atualiza o que já é antes dela. (LIMA, 1995, p. 241-242)

Segundo Costa Lima, a *mimesis* pode ser considerada como uma atividade dialógica, em que a representação existe como produto de efeito. Logo, o mais importante é saber onde está o limite entre o factual e a reconstrução histórica, pois nesse campo é preciso que se estabeleça um limite que, conforme Cabrera (2006-2007), “permita o funcionamento entre a dicotomia tradicional: a relação entre o real e a ficção”. Dessa forma, em *História. Ficção. Literatura*, Lima postula que

[a] mimesis supõe a seleção de aspectos da realidade, que desorganiza a representação de mundo, seja porque não é sua repetição, seja porque não obedece a seus campos de referência. Seu mecanismo constitutivo é, portanto, semelhante ao da ficção [...]. Da parte da mimesis, sua articulação com o ficcional estorva a manutenção da prenoção do imitativo; da parte da ficção, sua abordagem impede que se encerre no próprio objeto sobre o qual reflete, ou que seu praticante seja forçado a entender a realidade como pura construção, a que o ficcional ofereceria uma (inconsequente) alternativa. (LIMA, 2006, p. 291)

Observa-se nessa passagem de Lima que o ideal é não pensar prematuramente que a *mimesis* é uma espécie de imitação, até porque sua relação com o ficcional é a seleção de aspectos da realidade. Todavia, dentro desses aspectos, surge uma preocupação com o fato de se retratar a realidade de forma verídica, preocupação, esta, que não é de todo do texto ficcional, porque “a verdade da história sempre mantém um lado escuro, não indagado” (LIMA, 2006, p. 156). E “a ficção, suspendendo a indagação da verdade, se isenta de mentir. Mas não suspende sua indagação da verdade” (LIMA, 2006, p. 156). Para Lima (2006), a conexão da *mimesis* com a realidade é importante porque da parte da *mimesis* sua articulação com o ficcional impede a manutenção da prenoção do imitativo.

Não se pode esquecer que ao se falar em escrever, relatar, ou mesmo representar, na narrativa literária, fatos históricos relacionados a grandes catástrofes, como a *Shoah*, “[d]evemos aprender a ver os próprios textos que nascem da catástrofe como eventos complexos que devem ser encarados em todos os seus estratos: estéticos, testemunhais, individuais, coletivos, mnemônicos, históricos, etc.” (SELIGMANN-SILVA, 2007, v.1, n.1), podendo se relacionar à afirmação de Seligmann-Silva as narrativas como *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, porquanto elas não se restringem a uma única tipologia, mesmo porque, quando se trata do discurso narrativo acerca da *Shoah*, essa restrição se torna, praticamente, impossível.

No campo do factual e da ficção, Nicolau Sevcenko, em sua obra *Literatura como Missão*, postula que “as relações entre literatura e realidade oscilaram sempre, trazendo visível a marca da história” (SEVCENKO, 1985, p. 225). Com a afirmação de Sevcenko, per-

cebe-se que as narrativas com elementos ficcionais e com elementos factuais se aproximam muito, sobretudo porque nos textos literários acerca dos campos de extermínio é inerente a presença de marcas históricas e a vontade de narrar o inenarrável, assim acontece com as narrativas de Primo Levi sobre o período em que esteve no campo. Em *É isto um homem?*, Levi afirma ter ouvido estas palavras de um prisioneiro:

Justamente porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização. Sim, somos escravos, despojados de qualquer direito, expostos a qualquer injúria, destinados a uma morte quase certa, mas ainda nos resta uma opção. Devemos nos esforçar por defendê-la a todo custo, justamente porque é a última: a opção de recusar nosso consentimento. Portanto, devemos nos lavar, sim; ainda que sem sabão, com essa água suja e usando casaco como toalha. Devemos engraxar os sapatos, não porque assim reza o regulamento, e sim por dignidade e alinhamento. Devemos marchar eretos, sem arrastar os pés, não em homenagem à disciplina prussiana, e sim para continuarmos vivos, para não começarmos a morrer. (LEVI, 1988, p. 55)

Vale ressaltar, é claro, que tomar a *mimesis* como uma representação simples e simbólica, apenas, é tomar essa representação e “aceitar seu modelo positivista, ou seja, tomar o discurso narrativo como representação do ‘real’”, logo “não podemos mais falar em representação no sentido tradicional de adequação ou de mimesis, mas tampouco devemos abrir mão da diferença entre a noção de ficção e a de construção da cena traumática” (SELIGMANN-SILVA, 2018, p. 105). É, antes de tudo, preciso considerar que “[o] nosso conceito de ‘real’ é alterado e aproximado daquilo que Freud denominou de cena traumática” (SELIGMANN-SILVA, 2018, p. 105).

Contudo, como recurso estético característico do texto literário, a *mimesis* se torna um meio pelo qual a realidade extraliterária pode vir a ser representada no texto narrativo, no caso de Levi, em uma narrativa memorialística de testemunho. Ademais, o realismo empregado por Levi nas obras *É isto um homem?*, *A trégua*, *Assim foi Auschwitz* e *Os afogados e os sobreviventes* contribui para que aquele leitor que não conhece nada a respeito do regime ditatorial nazista, ou a respeito dos campos de extermínio, ou mesmo aquele que já ouviu falar vagamente sobre esses episódios, consiga se projetar para dentro da narrativa e, portanto, adquira conhecimento acerca da existência do evento ocorrido. Compelido por um desejo, ou antes, uma obrigação de recordar as atrocidades por que passou, Levi pontua:

As recordações de meu cativeiro estão muito mais vivas e detalhadas do que qualquer outra coisa que aconteceu antes ou depois.

Conservo uma memória visual e acústica das experiências de lá que não consigo explicar [...] ficaram-me gravadas na mente, como se estivessem numa fita magnética, frases em línguas que não conheço, em polonês ou em húngaro; ao

repeti-las a poloneses e a húngaros, me disseram que tais frases têm sentido. Por algum motivo que não conheço, aconteceu-me algo de anômalo, diria quase uma preparação inconsciente para testemunhar. (LEVI *apud* AGAMBEN, 2008, p. 36)

Giorgio Agamben ratifica que os acontecimentos em Auschwitz extrapolam os limites da realidade que, embora sejam factuais, quase se tornam inverídicos, frente ao horror vivido pelos prisioneiros, pois, para ele, não se trata de revelar a outros experiências de vida, com algum grau de dificuldade, trata-se do fato da dificuldade de testemunhar o evento, tão complexa é a estrutura do testemunho. Para Agamben, os relatos sobre Auschwitz é, antes de tudo, uma aporia.

Por um lado, o que aconteceu nos campos aparece aos sobreviventes como a única coisa verdadeira e, como tal, absolutamente inesquecível; por outro, tal verdade é, exatamente na mesma medida, inimaginável, ou seja, irredutível aos elementos reais que a constituem. Trata-se de fatos reais que, comparativamente, nada é mais verdadeiro; uma realidade que excede necessariamente os seus elementos factuais: é esta a aporia de Auschwitz. Assim está escrito nas folhinhas de Lewental<sup>7</sup>: “a verdade inteira é muito mais trágica, ainda mais espantosa [...]”. (AGAMBEN, 2008, p. 20).

Essa afirmação de Agamben relaciona-se muito com as teorias de Wolfgang Iser. Para Iser, ficção e realidade não se separam e vice-versa, pois os textos ficcionais contêm elementos da realidade, e em textos de caráter não-ficcional como, por exemplo, as autobiografias, é possível identificar marcas da ficcionalidade. E a respeito da representação de acontecimentos da realidade em textos literários, ratifica Seligmann-Silva:

Na literatura de testemunho não se trata mais de imitação da realidade, mas sim de uma espécie de “manifestação” do “real”. É verdade que não existe uma transposição imediata do “real” para a literatura: mas a passagem para o literário, o trabalho do estilo e com a delicada trama de som e sentido das palavras que constitui a literatura é marcada pelo “real” que resiste à simbolização. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 386-387)

Assiste, por fim, destacar, neste breve estudo, que Luiz Costa Lima trata da *mimesis* como uma das formas de se representar aspectos da realidade, para ele “a história e a ficção se distinguem como modos diferenciais da narrativa”, e “a verdade da história sempre mantém um lado escuro, não indagado, já a ficção, suspendendo a indagação da verdade, se isenta de mentir” (LIMA, 2006, p. 155-156). Nesse sentido, “a mimesis supõe a seleção de aspectos da realidade, que desorganiza a representação de mundo” (*id.* p. 291).

Assim sendo, o texto ficcional, sobretudo a narrativa memorialístico-testemunhal, no

7 “Membro do Sonderkommando que confiou seu testemunho a algumas folhinhas sepultadas junto ao crematório III, que vieram à luz dezessete anos depois da libertação de Auschwitz.” (AGAMBEN, 2008, p. 20)

caso deste artigo, destacam-se as narrativas testemunhais de Primo Levi, bem como as fontes históricas (filmes, fotos, documentários, jornais), é também um mecanismo que proporciona ao leitor saber de acontecimentos dos quais ele não fez parte. E, dessa forma, a *mimesis*, na narrativa ficcional historiográfica, “é responsável por um determinado modo de visualizar seu objeto, e então, de selecionar e interpretar suas coordenadas” (LIMA, 1995, p. 265-266), visto que, segundo o próprio Lima (1995), por meio da *mimesis* é possível nos aproximar de épocas passadas.

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema deste trabalho esteve implicada a uma inquietação quanto a uma relação praticamente inerente que há entre a literatura de testemunho e eventos históricos, a partir da Segunda Guerra Mundial, além de um anseio por se estudar um pouco mais o recurso da *mimesis* no texto literário. E ao longo das leituras feitas, percebeu-se que a *mimesis* não é um recurso exclusivamente literário, ela pode também permear um texto com marcas históricas, como é o caso das narrativas de Primo Levi que, embora trata-se de narrativas com elementos ficcionalizantes, também apresentam elementos factuais. Os escritos literários testemunhais-memorialísticos são importantíssimos para se ter acesso a fatos históricos, pois, por meio deles, estão implicados aspectos que se tornam relevantes para se ter conhecimento sobre uma realidade vivida em determinado contexto fora do contexto do indivíduo que acessa a literatura de testemunho. Conforme Rosani K. Umbach, “[t]extos literários distinguem-se pelo fato de tomarem como referência versões do passado e concepções de memória de outros sistemas simbólicos como a história, a sociologia, a religião, a psicologia” (UMBACH, 2008, p. 14).

Em seu texto “Memórias da Repressão e Literatura: algumas questões teóricas”, Rosani Umbach atesta, pautada nos estudos de Astrid Erll (2004), que existem três “categorias de concepções de memória presentes atualmente nos estudos literários”, a saber: “1. a memória *da* literatura; 2. a memória *na* literatura; 3. a literatura como veículo da memória coletiva” (UMBACH, 2008, p. 11-12). Ao que se pretendeu este trabalho, a discussão aqui proposta está diretamente relacionada à “memória *na* literatura”, pois tal concepção se volta para uma memória que está associada a recordações, lembranças presentes em textos literários, sem desconsiderar o contexto de produção da narrativa. Isso de fato se relaciona diretamente às narrativas como, por exemplo, *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*, porque nelas se percebe o que Aleida Assmann (1999) irá chamar de “mímese da memória”.

A memória na literatura, isto é, a ‘mímese da memória’. Trata-se da encenação da memória, de recordações e lembranças em textos literários, os quais dialogam com os discursos da memória de seu contexto de produção, trazendo à mostra o funcionamento, processos e problemas da memória (individual ou coletiva) no campo ficcional, através de procedimentos estéticos. (ASSMANN *apud* UMBACH, 2008, p. 12)

Reforça-se, ainda, que a literatura de testemunho dialoga com eventos extraliterários, como a Segunda Guerra Mundial e tudo o que se relaciona a ela, como a Shoah, e desta forma as narrativas de Levi trazem em toda a sua construção dialógica um fato comprovadamente histórico, o regime ditatorial nazista. Diante disso, a literatura, por meio da *mimesis* tomada como um recurso estético-literário,

toma como referência a realidade cultural extratextual, inclusive os discursos da memória, tornando observável seu funcionamento, processos e problemas através de formas estéticas na ficção. Por isso, baseiam-se em modelos miméticos da relação entre memória e literatura. (UMBACH, 2008, p. 13)

E “[q]uando se fala em *mimesis*, contudo, não se tem em mente um conceito de espelhamento ou duplicação: tem-se como referência a teoria literária da construção ativa de realidades, no sentido da *poiesis*, da ‘imitação criadora’” (UMBACH, 2008, p. 13). Primo Levi não apenas utilizou um discurso mimético, pautado na repetição, para revelar tudo aquilo por que passou em Auschwitz, antes foi capaz de lançar mão de um recurso literário que fez com que suas obras tivessem maior teor realístico possível. Assim, entende-se que Levi, em sua literatura de testemunho, ou relatos testemunhais, procurou retratar sua realidade e a dos outros concentracionários de forma criativa e reveladora, tamanha a descrição dos fatos narrados em suas obras a respeito da passagem pelo campo. Mesmo que em alguns momentos tenha hesitado por pensar que muitos não acreditariam nele, o desejo de narrar o trauma vivido não só por ele, mas pelos que tatearam o fundo do trauma e não mais emergiram dele, fez com que Primo Levi testemunhasse, talvez impulsionado por uma necessidade terapêutica, a barbárie e a violência que sofreu. Por isso, “pensar o testemunho na chave do trauma leva-nos a compreender que o testemunho se constitui na sua premência não só de denunciar o passado de violência, muitas vezes, esquecido ou rasurado a partir de políticas de ‘desmemória’, como também na sua função terapêutica e ética” (CORNELSEN, 2011, p. 27).

E como a história, a literatura é também uma riquíssima fonte de conhecimento para o leitor, levando-o a fazer parte de um universo em que aspectos históricos e literários podem ser revisitados, sem que para isso seja necessário atestar a veracidade da narrativa, já que este não é o propósito, muitas vezes, do texto literário. E, nesse sentido, como já mencionado aqui, a representação mimética, nas narrativas de testemunho, é um recurso do qual pode se valer o escritor a fim de se certificar, revelar e, portanto, relatar eventos históricos que marcaram, não somente uma geração, mas um século, como foi a *Shoah*.

## 5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo sacer III. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ASSIS, Luciara Lourdes da Silva de. Testemunho e ficção em Primo Levi: encontros possíveis. *Revista Estação Literária*, v. 5, 2010 – p. 1-266.
- CABRERA, Juan Pablo Chiappara. Michel Foucault: ficção, real e representação. A produção de sentidos sociais: desdobramentos teóricos contemporâneos. *Revista Aulas, Dossiê Foucault*, n. 3, dezembro 2006/março 2007.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. O testemunho na chave do trauma: aspectos teóricos. In: UMBACH, Rosani Ketzer; CALEGARI, Lizandro Carlos (orgs.). *Estética e política na produção cultural: as memórias da repressão*. Santa Maria, RS: Ed. UFSM; PPGL, 2011, p. 9-30.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Do conceito de Mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 68-71.
- HARTMAN, Geoffrey H. Holocausto, testemunho, arte e trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Marcio (Orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 207-235.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 725.
- ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. 2. ed. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj, 1991.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad: Luiz Sérgio Henriques. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Trad: Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LIMA, Luiz Costa. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- LIMA, Luiz Costa. *Vida e Mimesis*. Rio de Janeiro: 34, 1995.

NESTROVSKI, Arthur. “Vozes de crianças”. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Marcio (Orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p.185-205.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de. Quem fala por meio do testemunho? Alguns apontamentos teórico-metodológicos sobre a escrita testemunhal a partir da literatura de Primo Levi. *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social*. ano. 3, n.5. Argentina. Abr./set. 2013.

PAVLOSKI, Evanir. A desconstrução factual em *O mez da gripe* de Valêncio Xavier. *Revista das Faculdades Santa Cruz*, v. 6, n. 2, julho/dezembro 2007, p. 24-33.

SALGUEIRO, Wilberth. Trauma e resistência na poesia de testemunho do Brasil contemporâneo. *Revista Moara – Edição 44 – jul - dez 2015*.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e Considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). *Matraga*, Rio de Janeiro, v.19, n.31, jul./dez. 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 105-118.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Entrevista a Márcia Tiburi. *Trama Interdisciplinar*, v. 2, n. 1, p. 8-18, 2011. Disponível em: < <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/3963>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan. / jun. 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Testemunhos da barbárie*. *Revista EntreLivros*. v. 3, n. 28, ago. 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

UMBACH, Rosani Ketzner. *Memórias da Repressão*. Santa Maria, RS: UFSM, PPGL-UFSM, 2008, p. 63-80.

